



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 3, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 3 - EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.03.22>

Recebido em: **06/08/2020**

Aprovado em: **09/08/2020**

ENSINO DE FILOSOFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E
METODOLOGIAS PARA O «PENSAR BEM» COM CRIANÇAS; TEACHING
PHILOSOPHY IN THE FINAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION AND
METHODOLOGIES FOR «THINKING WELL» WITH CHILDREN; ENSEIGNER LA
PHILOSOPHIE AU COURS DES DERNIÈRES ANNÉES D'ÉDUCATION
FONDAMENTALE ET MÉTHODOLOGIES POUR «BIEN PENSER» AVEC LES
ENFANTS

JAILTON FRANCISCO DA SILVA

ISABEL FERREIRA FREITAS

<https://orcid.org/0000-0003-3069-3146>

AYZA RAFAELA DAMASCENO RAMALHO

<https://orcid.org/0000-0002-0205-5676>

RESUMO

A filosofia e seu ensino não são obrigatórios no ensino fundamental, mas pesquisas mostram que a filosofia tem muito a agregar na formação de crianças e no seu processo de ensino-aprendizagem. O objetivo deste artigo é expor algumas metodologias para o ensino de filosofia com criança destacando alguns contributos que essa disciplina oferece para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo de estudantes no ensino fundamental. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico que tem como objetivo analisar e comparar pesquisas na área e desenvolver uma nova visão sobre o tema. A pesquisa mostrou que a filosofia e seu ensino oportuniza um ensino significativo e de qualidade, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, ativos e participativos na sociedade.

Palavras-chave: Filosofia com crianças. Ensino de Filosofia. Ensino Fundamental. Educação.

ABSTRACT

Philosophy and its teaching are not mandatory in elementary education, but research shows that philosophy has a lot to add to the education of children and their teaching-learning process. The purpose of this article is to expose some methodologies for teaching philosophy with children, highlighting some contributions that this discipline offers for the development of critical and reflective thinking of students in elementary school. The methodology used was a qualitative research of bibliographic nature that aims to analyze and compare research in the area and develop a new vision on the theme. The research showed that philosophy and its teaching provide meaningful and quality teaching, contributing to the formation of critical, active and participative subjects in society.

Keywords: Philosophy with children. Philosophy teaching. Elementary School. Education.

RÉSUMÉ

La philosophie et son enseignement ne sont pas obligatoires dans l'enseignement élémentaire, mais la recherche montre que la philosophie a beaucoup à ajouter à l'éducation des enfants et à leur processus d'enseignement-apprentissage. Le but de cet article est d'exposer quelques méthodologies pour l'enseignement de la philosophie avec les enfants, en mettant en évidence certaines contributions que cette discipline offre pour le développement de la pensée critique et réflexive des élèves du primaire. La méthodologie utilisée était une recherche qualitative de nature bibliographique qui vise à analyser et comparer les recherches dans le domaine et à développer une nouvelle vision sur le thème. La recherche a montré que la philosophie et son enseignement fournissent un enseignement significatif et de qualité, contribuant à la formation de sujets critiques, actifs et participatifs dans la société.

Mots-clés: Philosophie avec les enfants. Enseignement de la philosophie. École primaire. Éducation.

INTRODUÇÃO

Até 2017 a filosofia fazia parte da grade curricular obrigatória do ensino médio, porém, a partir desse ano, a disciplina deixou de ser obrigatória, passando, apenas, a fazer parte dos estudos obrigatórios da área das Ciências Humanas e Sociais aplicadas da última etapa da educação básica.

Já no ensino fundamental a filosofia não faz parte da grade curricular, porém há pesquisas (KOHAN; WUENSCHA, 2000; LIPMAN, 1995; LORIERI, 2012) que mostram que o trabalho com a filosofia nos anos iniciais auxilia no primeiro contato dos estudantes com o processo do filosofar, ou seja, possibilita que crianças, adolescentes e jovens tenham contato com a reflexão filosófica desde cedo, para que, ao longo dos estudos possam desenvolver seus pensamentos e reflexões acerca das temáticas filosóficas e da sua condição enquanto humano no mundo.

É um dos papéis da filosofia despertar nos estudantes a capacidade crítica, fazendo com que desde cedo as pessoas passem a refletir e intervir criticamente na realidade social, política, econômica, bem como acerca da cultura na qual elas estão inseridas.

Nesse sentido, considera-se o trabalho com filosofia no ensino fundamental como a possibilidade de permitir que os estudantes dessa etapa da educação básica venham a ter um contato desde cedo com a reflexão crítica, pois à medida que vão crescendo vão tomando gosto pelo filosofar e, assim, no futuro, eles poderão se aprofundar cada vez mais “ao exame cuidadoso e sistemático da produção filosófica acumulada historicamente”, desenvolvendo visões mais conscientes sobre a sua própria existência e a sua relação com as questões sociais, políticas e culturais (LORIERI, 2012, p. 949).

Em tempos sombrios para o ensino de filosofia em todo o Brasil com a (des)reforma do ensino médio - empregada pelo governo Michel Temer e prosseguida no atual governo de Jair Bolsonaro - investigar os contributos que a filosofia e seu ensino proporciona aos adolescentes e jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental é justificável, pois demonstra a necessidade de sua permanência na educação básica como uma das disciplinas capazes de contribuir para o desenvolvimento do pensamento reflexivo sobre as diferentes questões relacionadas à existência humana.

Além disso, também é uma forma de mostrar que a filosofia, apesar de não ser obrigatória no ensino fundamental, vem sendo utilizada e ofertada como uma forma de contribuir para a melhoria da qualidade da educação, pois, mais que saber ler e escrever ou realizar cálculos das quatro operações básicas da matemática, é essencial que adolescentes e jovens tenham uma visão crítica e reflexiva sobre a sua própria existência, sobre a cultura e a realidade que os cercam, além da filosofia também desenvolver a habilidade argumentativa desses estudante.

Tendo em vista essas contribuições, o objetivo desse artigo é apresentar algumas considerações sobre a presença da disciplina filosofia nos anos finais do ensino fundamental e quais os contributos que o processo de filosofar tem para a formação integral dos estudantes no ensino fundamental.

Para realizar nossa investigação, tivemos como situação-problema: Como o ensino de filosofia nos anos finais do ensino fundamental pode contribuir para o processo de desenvolvimento da reflexão filosófica de adolescentes e jovens?

A pesquisa apresenta-se como qualitativa de cunho bibliográfico, essa pesquisa tem como finalidade “se assenta sobre a literatura pertinente a uma determinada área. Consiste em identificar, comparar, confrontar os resultados de pesquisas para chegar a uma nova visão” (MALHEIROS, 2011, p. 81). Dessa forma, nossa pesquisa se propõe a explorar alguns clássicos que trabalham o tema filosofia com crianças e ensino de filosofia no ensino fundamental, tais como: Lipman (1995), Kohan (2011), Kohan e Wuensch (2000), Lorieri (2012), dentre outros e apresentar algumas metodologias possíveis para trabalhar a filosofia no ensino fundamental.

APROXIMAÇÃO ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E AS CRIANÇAS

A aproximação entre filosofia e infância é considerada, até hoje, por muitos estudiosos e pesquisadores como algo impossível. De acordo com Salles (2009, p. 3), essa relação é pensada desde a antiguidade “principalmente dentro de um dispositivo muito particular, qual seja, a negatividade e ausência”.

No entanto, a partir de meados da década de 1960 as discussões acerca da possibilidade de se trabalhar com a filosofia desde a primeira infância¹ têm tomado novos rumos.

Essas discussões tiveram início com o professor e filósofo norte-americano Matthew Lipman (1922-2010), fundador do Programa Filosofia para Crianças (SILVA; SILVA, 2013).

Em 1969, Lipman, ao ministrar aulas de Introdução à Lógica, na Universidade de Columbia, começou a perceber que seus alunos apresentavam falhas nos seus raciocínios (KOHAN; WUENSCH, 2000).

Após essa constatação, Lipman realizou um estudo minucioso e chegou à conclusão de que os discentes universitários tinham que estudar Lógica e Filosofia desde a tenra idade, pois ao chegar na universidade os estudantes já se encontravam com os hábitos linguísticos e psicológicos já formados, o que podia ser considerado um obstáculo para o desenvolvimento de pensamentos mais racionais (KOHAN; WUENSCH 2000).

Ainda nesse período, Matthew Lipman observava o desenvolvimento das aulas de um professor que tinham estudantes (crianças) com problemas de aprendizagens, onde uns estavam alfabetizados e outros não. Durante as observações, Lipman sugeriu que esse professor trabalhasse com atividades que auxiliassem os estudantes a realizarem inferências lógicas, os resultados com o uso dessas atividades foram positivos e os discentes obtiveram avanços significativos na aprendizagem da leitura (KOHAN; WUENSCH, 2000).

Com essa experiência Lipman chegou à conclusão de que era possível fazer uso da lógica e da filosofia para desenvolver o raciocínio dos estudantes, desde que houvesse a interferência de um adulto para orientá-los durante esse processo. Assim, o filósofo concluiu que o trabalho de filosofia com crianças era possível, pois, as crianças exercitam o pensar, mas precisam elaborá-lo melhor, ou seja, “pensar bem” (KOHAN; WENSCH, 2000, p. 22).

Portanto, foi partindo da ideia de despertar o bem pensar nas crianças que Lipman criou o seu Programa. Nele, encontramos histórias para crianças denominadas de “novelas filosóficas” que auxiliam as crianças no desenvolvimento do pensar bem.

Nessas histórias as personagens são formadas por crianças, as quais participam de uma comunidade de investigação. Nessa comunidade cada criança “participa, pelo menos em alguma medida, na busca cooperativa e na descoberta de modos mais efetivos de pensar”, alcançando assim o “pensamento de ordem superior” (LIPMAN apud KOHAN; WENSCH 2000, p. 22).

De acordo com Lipman (1995), o pensar bem é constituído por um grupo formado por quatro habilidades de pensamento: habilidades de investigação, de raciocínio, de organização de informação e de tradução.

A habilidade de investigação é usada pelas crianças como meio de realizar a autocorreção, ou seja, os estudantes poderão analisar e propor possíveis hipóteses sobre os acontecimentos diários, os que já aconteceram e com os que podem vir acontecer (LIPMAN, 1995).

Já a habilidade de raciocínio consiste em levar os estudantes a fazerem uso de conhecimentos que já possuem sobre alguma coisa, para, a partir disso, desenvolverem novos conhecimentos, contribuindo, assim, para a ampliação do conhecimento. É por meio dessa habilidade que as crianças podem fazer inferência lógica (LIPMAN, 1995).

Quanto à habilidade de organização de informação ou formação de conceitos, essa diz respeito à capacidade de as crianças conseguirem organizar as informações sobre uma determinada categoria, relacionando conceitos para construir argumentos e/ou explicações sobre o que se é investigado (LIPMAN, 1995).

A última habilidade é a de tradução. Ao desenvolver essa habilidade as crianças poderão fazer interpretações sobre os acontecimentos, fazendo traduções da linguagem cotidiana para uma linguagem mais elaborada, ou seja, a linguagem lógica (LIPMAN, 1995).

Ao desenvolver essas habilidades, as crianças poderão alcançar o que Lipman denomina de “pensamento de ordem superior” ou “bem pensar”, ou seja, os estudantes terão o pensamento crítico desenvolvido.

Na prática, a sala de aula é transformada em uma comunidade de investigação, na qual por meio da leitura das novelas filosóficas, estudantes e professores discutem os temas propostos em cada história e buscam, em conjunto, o desenvolvimento do bem pensar, ou seja, do “pensar de ordem superior”. Ou seja,

A filosofia para crianças é uma atividade eminentemente dialógica. Os alunos que investigam as ideias filosóficas discutem-nas entre si, aprendem a falar e

a ouvir. Aprendem a respeitar os outros como pessoas diferentes e com ponto de vista diferente. Aprendem a se corrigir e admitir seus próprios erros com dignidade (SOUZA, 2003, p. 19).

Desta modo, é a partir da reflexão filosófica presente na sala de aula que o pensamento crítico dos estudantes é desenvolvido, pois durante as aulas as crianças vão descobrindo o valor dos colegas, aprendem a respeitar as opiniões dos outros, aprendem a ouvir, a interagir e participam de forma efetiva na investigação e na busca de soluções para os questionamentos apresentados nas aulas.

No Brasil, a responsável por trazer o ensino de filosofia no ensino fundamental, a partir do Programa Filosofia para Crianças de Matthew Lipman, foi a professora Catherine Young Silva no ano de 1984, no estado de São Paulo. As primeiras instituições a adotarem esse programa foram duas escolas privadas, porém, em poucos anos, escolas públicas de diferentes estados brasileiros também adotaram a proposta (KOHAN; WUENSCH, 2000).

Essa proposta inovadora, para a época, foi recebida com muito entusiasmo. No entanto, alguns pesquisadores, como Silveira (2001) e Kohan (2011) que estudam o ensino de filosofia no Brasil, começaram a ver com outros olhos, pois perceberam que por trás da proposta havia uma forte visão mercadológica.

De acordo com Silveira (2001, p. 20) “há, portanto, na proposta, também uma clara dimensão empresarial e mercadológica, que parece apontar para um processo de “macdonaldização” do ensino de filosofia”, justificado pela necessidade de garantir que a expansão do programa pelo mundo não ocorra em prejuízo de sua “integridade filosófica e metodológica”.

Esse fato é evidente porque Lipman, além de ter criado o programa, também criou recursos metodológicos, materiais didáticos, cursos de formação para professores e coordenadores, além de materiais de apoio. Para ter acesso aos recursos e a liberação para fazer uso do programa, era necessário pagar licenças e comprar o material diretamente dos Estados Unidos (SILVEIRA, 2001).

A perspectiva lipmaniana para filosofia com crianças foi:

[...] apresentada como uma dessas soluções mágicas. Se as aulas fossem “convertidas numa comunidade de investigação”, reza o slogan, a experiência educacional adquiriria outro sentido para alunos e professores. Assim a pedagogia se reveste de liturgia religiosa: a reforma educacional passa por uma conversão: as aulas deixariam de ser o que são (espaços de transmissão vertical de conhecimentos, dominados pelo individualismo e pela ausência de reflexão, diálogo e sentido) para serem espaços deliberativos, baseados num pensar coletivo logicamente fundado e razoavelmente estabelecido (KOHAN, 2011, p. 98).

No entanto, segundo Kohan (2011), essa proposta não consegue atender o que era esperado, pois no centro da sua proposta, as preocupações estão mais relacionadas com a formação de “bons cidadãos”, com a modelagem dos pensamentos dos estudantes e não com a reflexão crítica de fato.

A RELAÇÃO FILOSÓFICA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

O ano de 2017 é marcado por um grande retrocesso para a educação brasileira, pois nesse ano foi aprovada a (des)reforma do ensino médio, na qual, disciplinas essenciais para a contribuição da formação de adolescentes e jovens críticos e autônomos, como a filosofia e a sociologia, deixaram de ser obrigatórias, passando, apenas, a fazer parte dos estudos obrigatórios da área das Ciências Humanas e Sociais aplicadas da última etapa da educação básica.

Sabe-se que a disciplina filosofia não é obrigatória no ensino fundamental, porém essa disciplina é ofertada em algumas instituições como forma de complementação curricular, pois segundo o Artigo 26, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96,

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996).

Uma das possíveis respostas para as indagações acerca da presença da filosofia como disciplina dos currículos das escolas de ensino fundamental pode ser encontrada na afirmação de Rodrigo quando apresenta uma reflexão do filósofo francês Derrida. Segundo a autora:

A difusão do saber filosófico para um público mais amplo do que o grupo restrito dos especialistas apresenta-se como uma exigência democrática; a democratização da cultura tem como pressuposto de que esta seja direito de todos e não privilégio de alguns. Por isso, a inscrição da filosofia em um projeto de democratização do saber levou o pensador francês Jacques Derrida a proclamar o ‘direito à filosofia para todos’ (RODRIGO, 2009, p. 11).

A filosofia no ensino fundamental consiste em possibilitar que os estudantes tenham contato com a reflexão filosófica desde cedo. Lipman, o precursor desta proposta afirma que:

[...] filosofia na escola primária fornece um espaço que possibilita às crianças refletirem sobre seus valores, assim como sobre suas ações. Graças a estas reflexões, as crianças podem começar a perceber maneiras de rejeitar aqueles valores que não estão à altura dos seus padrões e de guardarem aqueles que estão. A filosofia oferece um espaço no qual os valores podem ser submetidos à crítica (LIPMAN, 1995, p. 241).

Nesse mesmo contexto o professor Marcos Antônio Lorieri (2002) enfatiza que o ensino de filosofia no ensino fundamental é algo essencial, pois os alunos têm acesso desde cedo ao ensino dessa disciplina que contribui para o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva.

Refletir sobre a própria realidade, buscando entender o seu lugar no mundo é próprio da investigação filosófica. É, sem dúvida, em sua essência, um ato de filosofar. Arendt afirma que o ato de refletir se configura como:

[...] um processo complexo, que jamais produz resultados inequívocos. Trata-se de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo (ARENDT, 1993, p. 39).

Marilena Chauí (2003), em uma passagem do livro “Convite à Filosofia”, apresenta uma reflexão sobre o verdadeiro sentido da filosofia, fato curioso que permite observar e avaliar o quanto a filosofia e seu ensino são essenciais para a educação de crianças, adolescentes e jovens. Segundo ela:

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia? Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos, for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política, for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos, for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes (CHAUI, 2003, p. 24).

Partindo desse pressuposto, verifica-se que o contato inicial com a filosofia desde a infância, durante o ensino fundamental, contribui para a superação dos preconceitos e das ideias preestabelecidas pela sociedade dominante, além de auxiliar no processo de desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes.

Ao propor uma reflexão sobre o ensino de filosofia e suas contribuições para a educação escolar, Severino afirma que a presença dessa disciplina é de extrema relevância para que os adolescentes e jovens possam se equiparem de:

[...] uma postura crítica frente aos dogmas que impregnam não só o senso comum da cultura envolvente, mas também os dogmatismos que perpassam até mesmo as mais sofisticadas formas de discursos, a começar pelo próprio discurso científico. Isso, evidentemente, partindo-se da premissa de que os professores de Filosofia a concebiam e a praticavam de forma crítica, entendendo que, epistemologicamente, ela é um procedimento intelectual marcado pela exigência de criticidade, ou seja, pela capacidade de relativizar e de situar historicamente conceitos e valores, apoiando-se tão somente nos nexos de inteligibilidade e de legitimidade que unem os diversos aspectos de nossa existência, articulando, de modo rigoroso e radical, a contingência histórica do nosso existir e a incomensurável dignidade da pessoa humana

(SEVERINO, 2011, p. 94).

A partir de Nietzsche, também é possível demonstrar a necessidade de uma educação capaz de repensar a cultura de uma determinada sociedade. Ou seja, uma educação “autêntica”, capaz de fazer com que os estudantes pensem por si próprio. Segundo esse filósofo:

O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: “Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas”. Toda alma jovem ouve este apelo dia e noite, e estremece; pois ela pressente a medida de felicidade que lhe é destinada de toda a eternidade, quando pensa na sua verdadeira emancipação: felicidade à qual de nenhum modo alcançará de maneira duradoura, enquanto permanecer nas cadeias da opinião corrente e do medo. E como pode ser desesperada e desprovida de sentido à vida sem esta libertação! Não existe na natureza criatura mais sinistra e mais repugnante do que o homem que foi despojado do seu próprio gênio e que se extravai agora a torto e a direito, em todas as direções. Afinal, não se tem mesmo o direito de atacar um tal homem, pois ele existe somente fora do seu eixo, como fantasia frouxa, tingida e gasta, como um espectro sarapintado que não pode inspirar medo e menos ainda paixão (NIETZSCHE, 2011, p. 139).

Assim, é possível ver na filosofia no ensino fundamental uma alternativa de auxiliar no desenvolvimento de uma educação integral que visa não a manutenção do status quo, mas sim uma educação capaz de desvenenar os educandos das amarras da sociedade atual.

Portanto, ao trabalhar com a filosofia no ensino fundamental é possível incentivar crianças, adolescentes e jovens a se debruçarem sobre a reflexão filosófica, fazendo-os tomar gosto pela filosofia desde cedo, a fazerem questionamentos acerca da sua própria realidade, a buscarem meios para responderem os seus questionamentos, a desenvolver o gosto pela leitura e os princípios de generosidade, acolhimento e respeito ao diferente.

Nesse contexto, concordamos com Marcondes e Franco quando afirmam que o objetivo da filosofia [...] não é criar visões de mundo ou sistemas coerentes dentro dos quais poderíamos ordenar todas as coisas, mas interrogar os entes, deixando-o falar de si mesmos. Essa interrogação, que ao invés de formular soluções se dispõe a ouvir o “outro”, altera toda e qualquer relação do homem com o mundo. É nesse sentido que se pode dizer que a filosofia transforma aqueles que com ela se envolvem (MARCONDES; FRANCO, 2011, p. 21).

Deste modo, o verdadeiro sentido do ensino de filosofia não é doutrinar nenhum estudante, como se tem ouvido nos últimos anos, mas sim o de contribuir com o processo do reconhecimento e do respeito com o outro, de questionar as visões preestabelecidas acerca da relação homem-mundo, buscando a transformação social.

Piaget (1969) descreve a necessidade de todas as pessoas terem contato com a filosofia. Segundo Rocha (2014, p. 54), para Piaget “a filosofia tem sua razão de ser e deve-se mesmo reconhecer que todo homem que não passou por ela é incuravelmente incompleto”.

Sendo assim, cabe à escola possibilitar que os estudantes dos anos finais do ensino fundamental venham a ter contato com a filosofia, visto que ao fazer parte da sua vida, desde cedo, a filosofia contribuirá para que eles possam pensar por si próprios, contribuindo, com isso, para o desenvolvimento da “educação autêntica” defendida por Nietzsche e do “pensamento de ordem superior” proposto por Lipman.

PENSANDO METODOLOGICAMENTE O ENSINO DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS

Para que o objetivo do ensino de filosofia no ensino fundamental possa ser alcançado é necessário que se tenha um olhar especial para as metodologias adotadas nas aulas dessa disciplina, fugindo assim do problema com o ensino de filosofia conteudista, pois:

No ensino de filosofia na escola, o problema não é conhecer a história da filosofia em detrimento do aprender a filosofar, e sim trabalhar a história da filosofia mecanicamente, de modo não filosófico. A questão fundamental é de fundo metodológico, no sentido de pensar em como promover uma

educação filosófica que não seja descontextualizada, desconectada da vida dos jovens estudantes do ensino médio e sem relação com a própria filosofia. E não simplesmente demonizar o conhecimento da história da filosofia considerando-o inadequado para o aprendizado do filosofar na escola de nível básico (ALVES, 2016, p. 46).

Ou seja, uma alternativa para contribuir com o desenvolvimento da reflexão filosófica de adolescentes e jovens é partir do cotidiano desses estudantes, é fazer uso de estratégias/recursos didáticos como música, poesia, jornal, imagens, junto a leitura de textos clássicos da filosofia. É fazer uso de recursos que fazem parte do universo das crianças, dos adolescentes e jovens (HORN; VALESE, 2014).

Melo, Rocha e Silva (2013) denominou o uso dessa metodologia de ensino como recursos não filosóficos. De acordo com esses autores o uso desse tipo de recurso didático como forma de introdução das aulas de filosofia contribui para uma aproximação da filosofia à realidade dos jovens estudantes, favorecendo o trabalho do professor e a compreensão dos discentes acerca dos conceitos e temáticas filosóficas trabalhados durante as aulas. Assim, a utilização desses recursos tem o “[...] objetivo de sensibilizar o aluno do ensino médio para o tema a ser trabalhado na aula e, assim, buscar construir uma “ponte” entre o saber erudito e o cotidiano do aluno” (MELO; ROCHA; SILVA, 2013, p. 3).

Por meio da música, por exemplo, é possível levar os/as estudantes a refletirem sobre diferentes momentos da história, especialmente da brasileira. Como não relacionar o presente (anos 2020) com o passado do Brasil por meio da música “O tempo não para” de Cazuza, ou pensarmos a diversidade de gênero, o respeito, a tolerância a partir da música “Quatro vezes você” de Capital Inicial?

Esses são apenas alguns exemplos das dezenas de milhares de músicas que podem ser usadas nas aulas de filosofia partindo da realidade dos estudantes, aproximando a cotidiano dos estudantes com as questões filosóficas, a partir de recursos que são próprios da vida dos discentes, sensibilizando os alunos para a reflexão filosófica, pois,

Uma sensibilização pode ser pensada como a primeira etapa do curso na qual o professor pode trazer o interesse dos estudantes para o tema escolhido. Isso poderá ser feito a partir do uso de diversos materiais como textos que não foram, originalmente elaborados como filosóficos: letras de música, poesias, literaturas, textos jornalísticos, assim como filmes, etc. É aqui que o professor aproveita para aproximar o universo do aluno às questões filosóficas. A partir da provocação de inquietações ou do aproveitamento das inquietações já existentes, o professor mostra que a filosofia pensa a vida, o significado de tudo, os valores humanos, o pensar humano, e faz com que os alunos fiquem intrigados com o tema que será estudado posteriormente (ASPIS; GALLO, 2009, p. 15).

O cinema, é outra possível alternativa que pode aproximar a filosofia aos estudantes. No entanto, assim como nas demais disciplinas, é necessário que esse recurso seja utilizado por professores capazes de promover a interlocução entre o filme e a análise crítica da realidade dos estudantes.

A esse respeito, Pimentel afirma que:

Para atingir seu objetivo de empregar imagens com o intuito de ir além da informação, qualquer que seja a disciplina, é necessário que o educador aprenda a reconhecer qual é a linguagem do cinema, adquira um saber básico indispensável para gerar uma educação para a imagem e não se empenhe, exclusivamente, na ação de educar através da imagem (PIMENTEL, 2011, p. 89).

Duarte contribui com essa afirmação e acrescenta que a relação entre cinema e ensino se configura como uma boa estratégia para se trabalhar com temáticas complexas, assim “cruzar textos fílmicos e textos acadêmicos é uma excelente estratégia para trabalhar temáticas complexas com estudantes de ensino médio e superior. Esse recurso permite abordar o problema sob diversos aspectos e perspectivas” (DUARTE, 2006, p. 74).

Outro fato que deve ser considerado no ensino de filosofia na educação básica é o uso do texto didático e do texto filosófico nas aulas. O trabalho com trechos dos textos clássicos da filosofia é

necessário porque com o uso deles o estudante terá contato com escritos dos filósofos desde cedo, porém para que os mesmos sejam, é necessário ter alguns cuidados na hora de selecioná-los.

Os textos “devem ser relativamente curtos, não apresentar dificuldades muito grandes do ponto de vista semântico e conceptual, abordar temáticas que apresentem interesse para o aluno e que sejam do domínio do professor” (RODRIGO, 2009, p. 74).

Diante disso, o ensino de filosofia associado à metodologia específica e ao contato com textos filosóficos desde cedo se tornará um aliado indispensável para repensar a educação brasileira e a importância dessa disciplina para o desenvolvimento da reflexão crítica e reflexiva de crianças, adolescentes e jovens brasileiros.

Porém vale frisar que pensar o ensino de filosofia na educação básica é pensar, também, a formação do professor para atuar na escola. Essa formação tem que ser de qualidade, que possibilite ao professor não apenas dominar os conteúdos filosóficos, mas que seja capaz de considerar as realidades específicas dos estudantes e que possa respeitar a “experiência de pensamento do outro no contexto da sala de aula” (TOMAZETTI; BENETTI, 2012, p. 1030). As autoras continuam:

A experiência em sala de aula com jovens, entretanto, exige a identificação, a compreensão e a problematização de outras facetas do ato de ensinar e de aprender, tais como: a dificuldade de ensinar àquele que nem sempre está disponível a ouvir, àquele aluno que, muitas vezes, não quer pensar ou não deseja pensar o que lhe é proposto e se mostra indisponível ao embate com questões filosóficas. Nesse sentido, uma leitura possível é aquela que indica, em nossas universidades, uma formação ainda pautada pelo monólogo do professor, pela escuta por parte dos alunos e, conseqüentemente, pela desconsideração da experiência de pensamento do outro no contexto da sala de aula. Tal maneira de formar os futuros professores de Filosofia não os deixam instigados a ousar e a apostar em possibilidades de ensino que deem conta das atuais demandas feitas ao ensino contemporâneo (TOMAZETTI; BENETTI, 2012, p. 1030).

A partir disso, fica evidente que a filosofia e seu ensino, quando desenvolvidos por um professor com uma boa formação, pode contribuir para promover uma prática igualitária, pois a partir dela pode-se encontrar espaços de discussões, diálogos nos quais as diferenças são respeitadas e onde não há uns e outros, mas sim todos. É necessário, portanto, que a filosofia não seja vista como apenas mais uma disciplina, que não seja “posta” como dogma, mas sim que seja concebida como uma disciplina aberta ao diálogo e à criticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia e seu ensino, sem dúvida, são essenciais para a promoção de um ensino significativo e de qualidade, como vem sendo defendido por diversos pesquisadores ao longo da história da educação brasileira.

No entanto, nos dias atuais, faz-se necessário cada vez mais colocar em pauta o debate sobre a sua importância como possibilidade de promoção do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes em toda a educação básica.

Partindo da perspectiva de que a filosofia tem um potencial crítico em sua gênese e que a disciplina possibilita a reflexão crítica e um desenvolvimento do pensar bem, apresentado por Lipman, mostra-se que o trabalho filosófico desde a tenra idade só tem a agregar a formação das crianças e a melhorar seu desenvolvimento escolar e sua atuação social.

Assim, este artigo cumpriu com seu objetivo ao demonstrar a filosofia possibilita a formação de cidadãos críticos e com pensamentos reflexivos desde o ensino fundamental e que há uma diversidade metodológica para se trabalhar filosofia com crianças.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Dalton José. Metodologia da filosofia e do ensino de filosofia: tensões e confluências. *EccoS Revista Científica*, n. 39, p. 41-53, 2016.
- ASPIS, Renata Lima.; GALLO, Silvio. Ensinar filosofia: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- ARENDT, Hannah. Compreensão e política. In: ARENDT, H. A dignidade da política. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 39-53, 1993.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, São Paulo 2003.
- DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- HORN, Geraldo Balduino; VALESE, Rui. O sentido e o “lugar” do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. *Filosofia e seu ensino: desafios emergentes*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- KOHAN, Walter Omar. Infância. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana Miriam. Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Mathew Lipman. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LIPMAN, Matthew. O Pensar na Educação. Trad. Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LORIERI, Marcos Antônio. Filosofar com crianças: Possibilidades. Contribuições de Matthew Lipman. In: *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia*. Recife, PE: FASA, 2012. p. 944–955.
- LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).
- MALHEIROS, Bruno Taranto. Metodologia da pesquisa em educação. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MARCONDES, Danilo; FRANCO, Irley. A Filosofia: o que é? Para que serve? Rio de Janeiro. Zahar. ED PUC/Rio. 2011.
- MELO, Elizabete Amorim de Almeida; ROCHA, Robertina Teixeira; SILVA, Emerson Aguiar da Fonseca. ENSINO DE FILOSOFIA: Procedimentos Metodológicos para o Ensino Médio. In: *Anais do VII Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade*, 2013. Disponível em: p<http://educonse.com.br/viicolquio/publicacao_eixos.asp>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre educação. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5. ed. – Rio de Janeiro: PUC- Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
- PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas. São Paulo: Cortez, 2011.
- ROCHA, Ronai Pires. Ensino de filosofia e sensibilidade à ocasião. A filosofia e seu ensino: desafios emergentes. Porto Alegre: Sulina, p. 41-55, 2014.
- Rodrigo, Lidia Maria. Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino de Filosofia. Campinas/SP: Autores Associados, 2009. (coleção formação de professores).
- SALES, Conceição Gislâne Nóbrega Lima. Infância e Filosofia: um encontro possível? O que dizem as Crianças. In: *Anais da 32ª reunião da ANPED*. Caxambu, MG. 2009. disponível em: Acesso em: 25 mar. 2020.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares. *Revista: Educação em Revista*, Marília, v. 12, n. 1, p. 81-96, 2011.
- SILVA, Jardiel Francisco; SILVA, Jaeliton Francisco. Filosofia com crianças: A proposta de Matthew Lipman In: *Anais da Semana de Pedagogia da UFAL*, 2013. Disponível em: Acesso em: 2 out. 2020.
- SILVEIRA, Renê José Trentin. A Filosofia Vai à Escola?: Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2001.
- SOUZA, Alves Nivaldo. A criança e o pensar: Confiança na sua capacidade. Florianópolis : Sophos, 2003.
- TENÓRIO, Douglas Apratto; CAMPOS, Rochana; PÉRICLES, Cícero. Enciclopédia Municípios de Alagoas. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2006.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira; BENETTI, Cláudia Cisiane. Formação do professor de Filosofia: entre o ensino e a aprendizagem. Revista Diálogo Educacional, v. 12, n. 37, p. 1027-1043, 2012.

¹ Entende-se por primeira infância a fase de vida de uma pessoa entre 0 e 6 anos de idade (NERI, 2005).

* Graduado em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Federal de Alagoas e em Pedagogia pelo Centro Universitário FIEO (Fundação Instituto de Ensino para Osasco), mestrando em educação na Universidade Federal de Alagoas e professor dos anos iniciais do ensino fundamental das redes públicas municipais de Barra de Santo Antônio e Maceió no estado de Alagoas. Vinculado ao grupo de pesquisa Filosofia e Educação / Ensino de Filosofia.

** Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas, mestre e doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas e professora da educação infantil da rede municipal de Coruripe-AL. Vinculada ao grupo de pesquisa Filosofia e Educação / Ensino de Filosofia. E-mail: isabel.ferreiraf@gmail.com.

*** Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas, mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas e professora da educação básica do estado da Bahia. E-mail: ayza.rdr@gmail.com.